

## Esboço de uma Tipologia da Patronagem e Caridade Cristãs na Antiguidade Tardia: Construções Discursivas de Gênero

*Outline of a Typology of Christian Patronage and Charity in Late Antiquity:  
Discursive Gender Constructions*

Amanda Reis dos Santos<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Mestranda em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada, do Instituto de História da UFRJ (PPGHC/UFRJ), recebendo apoio financeiro institucional da CAPES. Realiza pesquisa cujo tema é administração patrimonial de ricas cristãs na Antiguidade Tardia (séculos IV e V d.C.), sob orientação do prof<sup>o</sup> Dr. Fábio de Souza Lessa. E-mail: [ardstoria@gmail.com](mailto:ardstoria@gmail.com).

Recebido em 28 de maio de 2019; Aceito em 04 de abril de 2020

### Resumo

O objetivo do presente artigo consiste em expor algumas considerações sobre a administração do patrimônio de ricas mulheres cristãs na Antiguidade Tardia, tomando os casos de Paula, a Velha; sua filha, Eustáquia; e de Melânia, a Jovem – personagens construídas e representadas na literatura da época como exemplares. Através da análise de parte das cartas de Jerônimo de Estridão, onde as primeiras aparecem, e também de um *corpus* composto por uma hagiografia e uma biografia referentes à Melânia, pretende-se esboçar uma tipologia da patronagem feminina entre os séculos IV e V d.C., lançando mão dos conceitos de doações verticais e horizontais; diretas e indiretas. Como aporte teórico-metodológico, serão utilizadas as considerações sobre gênero propostas por Elizabeth Clark, além das *Histórias Cruzadas*, de Bénédicte Zimmermann e Michel Werner, inseridas no escopo da História Comparada. Serão, assim, destacados os primeiros resultados da pesquisa que está sendo desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC/UFRJ), relativo à administração do patrimônio de mulheres cristãs na Antiguidade Tardia.

**Palavras-chave:** Antiguidade Tardia; gênero; patronagem; doações.

### Abstract

This paper aims to put forward some considerations on the administration of rich women's patrimony in Late Antiquity, taking as examples Paula the Elder; her daughter, Eustochium; and Melania the Younger – characters constructed and represented in the literature of that period as exemplaries. Through the analysis of part of the letters of Saint Jerome whereby the former appears, and using also a *corpus* composed of an hagiography and a biography regarding to Melania, the aim is outline a female patronage typology between fourth and fifth centuries AD. To do so, we use concepts

as *vertical* and *horizontal* donations; *direct* and *indirect* ones. As methodological and theoretical approach, it's used the considerations on gender proposed by Elizabeth Clark, as well as the *Histoire Croisée*, proposed by Bénédicte Zimmermann and Michel Werner, discussed inside the scope of *Compared History*. Therefore, will be shown the first results of the research developed in the *Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC/UFRJ)*, related to the administration of rich christian women's patrimony in Late Antiquity.

**Key-words:** Late Antiquity; gender; patronage; donations.

Os séculos IV e V d.C. são de suma importância para a compreensão do alvorecer de um novo mundo, tanto no Ocidente quanto no Oriente, após cerca de um século de intensas crises no que tange à sustentação do regime imperial romano. É nesse contexto que o Cristianismo se enraíza e se difunde, progressivamente, nas elites de todo o Império – sobretudo após a conversão de Constantino, o primeiro imperador cristão –, adquirindo status, poder econômico, político e social. Isso se deveu a diversos motivos, dentre os quais um dos mais discutidos pela historiografia é o impacto que o Edito de Milão, de 313, gerou: a partir dele, não só a perseguição aos cristãos foi oficialmente interrompida como a religião foi favorecida econômica e politicamente, sem, no entanto, tornar-se obrigatória. Paul Veyne sustenta, por exemplo, que este foi um fator essencial para a conversão de novos adeptos<sup>22</sup>. Assim, desde este momento até o surgimento de uma série de Concílios que tiveram como objetivo consolidar determinadas vertentes – tratando outras como heresias –, uma série de debates e querelas religiosas foram se multiplicando e, com eles, uma legião de novos seguidores, provenientes da elite tradicional romana. No entanto, o cenário é complexo: para além de fatores culturais, o que teria levado o Cristianismo a ter conquistado um espaço tão proeminente e difuso nos séculos em questão?

---

<sup>22</sup> FREISENBRUCH, Annelise. **As primeiras-damas de Roma**: as mulheres por trás dos Césares. Rio de Janeiro: Record, 2014; GUARINELLO, Norberto Luiz. *Antiguidade Tardia*. In: **História Antiga**. São Paulo: Editora Contexto, 2014; JONES, A. H. M. *Senators and honorati*. In: **The later roman empire**: 284-602. Vol. 2. Oxford: Basil Blackwell, 1964; VEYNE, Paul. **Quando nosso mundo se tornou cristão (312-394)**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010; OLIVEIRA, Waldir Freitas. **A Antiguidade Tardia**. São Paulo: Ática, 1990.

Diminuindo a escala de análise a contextos locais, é possível constatar um aumento substancial de documentos literários – dentre tratados, hagiografias, biografias, cartas, homilias, dentre outros – cuja descrição recai em figuras tidas como santas, sobretudo em mulheres da alta elite espalhadas por todo o Império. Ainda que com certas especificidades, a literatura mostra que, convertidas, passaram a dispor de seu patrimônio em favor não só dos pobres, indigentes, refugiados e necessitados da *Urbs* como também em favor da Igreja, seguindo rígida disciplina ascética e preceitos bíblicos. Sendo assim, entre os séculos IV e V d.C. observa-se um amplo movimento de peregrinações ao Norte da África e Oriente, onde grupos de viajantes dotados de riqueza doavam parte de seus bens a mosteiros, conventos e hospedarias – muitas vezes sendo eles mesmos os patronos destas obras. Essas migrações não eram gratuitas, podendo ser relacionadas tanto à características do *modus vivendi* cristão da Antiguidade Tardia entre as elites do Império, tão cioso da Salvação da alma e das boas ações, quanto à preocupação do clero em evidenciar o Oriente (sobretudo Jerusalém e Belém) enquanto locais santos. Assim, o que começou com uma espécie peculiar de evergetismo<sup>23</sup> praticado por alguns membros da elite imperial no início do século IV, como Constantino e Helena (sua mãe), tornou-se comum entre diversas famílias cristãs do período. É nesse contexto que a literatura demonstra um verdadeiro furor de construção nesses locais, bem como de ajuda aos necessitados, com ênfase na agência de mulheres ricas provenientes da ordem senatorial. Contudo, não eram somente os pobres, endividados, refugiados e indigentes da *Urbs* que se beneficiavam dessas doações: a alta hierarquia católica, dentre as quais os bispos podem ser citados, também começaram a receber ajuda econômica dessas mulheres. Desse modo, a *práxis* donativa, aliada aos constantes

---

<sup>23</sup> O debate sobre evergetismo pode ser encontrado sobretudo na clássica obra *Pão e Circo*, de Paul Veyne (2014). Para debates mais recentes, cf. SILVA, Gilvan Ventura da; SILVA, Érica Christyane Moraes da. Evergetismo e a vida urbana em Antioquia: considerações à luz da epigrafia (séculos IV-V d.C.). In: BORGES, Airan dos Santos; GOMES, Raquel de Moraes Soutelo (orgs). **Escrito para a eternidade: a epigrafia e os estudos da Antiguidade**. Curitiba: Appris, 2012.

discursos em seu favor, pode ter contribuído em grande medida para a sustentação dos Cristianismos no Império.

Uma vez que a documentação literária permite investigar de perto tais ações e conectar diferentes trajetórias desses personagens, o objetivo da pesquisa consiste em investigar indícios sobre como ricas mulheres cristãs provenientes da elite romana administravam seus bens móveis e propriedades nos séculos IV e V d.C., focalizando sobretudo em sua beneficência caritativa e no funcionamento dos mosteiros que fundaram e geriam. Seguindo a metodologia das *Histórias Cruzadas*, proposta por Bénédicte Zimmermann e Michel Werner, inserida no escopo da História Comparada, a pretende-se investigar as redes de contato e sociabilidade no Mediterrâneo através dos casos de Paula, a Velha, de sua filha, Eustáquia, a fim de compreender as características e motivações de suas doações. Para o presente artigo, serão utilizadas as cartas de Jerônimo de Estridão em que aparecem tanto como interlocutoras (a exemplo das de número 30, 33, 39, endereçadas a Paula; 22, 41 e 108, a Eustáquia) quanto também como assunto (como as de número 66, 107 e 118). Também serão inclusos na análise outros documentos que permitem investigar acuradamente a problemática das doações, como o *corpus* literário em que Melânia, a Jovem, é retratada (no caso, uma hagiografia intitulada “A Vida de Melânia, a Jovem”, escrita por Gerontios, monge com o qual conviveu durante boa parte de sua juventude e vida adulta; e sua biografia contida em “História Lausíaca”, de Paládio de Helenópolis – ambas escritas no século V d.C.). Deve-se atentar, com este último caso, que são documentos de cunho laudatório e, por conseguinte, possui o objetivo de relatar as experiências que fizeram de Melânia uma aristocrata cristã exemplar devido à austeridade de sua disciplina ascética e caritativa. O mesmo tipo de característica pode ser encontrado em algumas cartas de Jerônimo, como a de número 108, cuja função é rememorar a biografia de Paula a sua filha, Eustáquia e retratá-la como um exemplo de matrona romana.

Serão respondidos os seguintes questionamentos: a partir de que momento passaram a dispor de seu patrimônio em favor do Cristianismo? De que forma isso era

feito? O que se doava, a quem, em quais circunstâncias e por quê? Havia regras inerentes à beneficência? Qual era a escala das doações e como se relacionavam à ordem senatorial? Que impactos isso gerava nas relações familiares, conjugais e locais – sobretudo no Oriente, onde mãe e filha se estabeleceram? O gênero é uma ferramenta útil para estudar caridade e patronagem? Para tanto, será lançada mão de uma tipologia de doações, a fim de sistematizá-las: verticais e horizontais; diretas e indiretas.

### **Donativos em questão: gênero como ferramenta útil para estudo da patronagem feminina**

Seguindo as mesmas prerrogativas que permeiam todo o livro *Female founders in Bizantium and beyond* (2012), Dionysios Stathakopolous visa investigar, como o título do capítulo sugere (*I seek not my own: Is there a female mode of charity and patronage?*), se há alguma diferença entre homens e mulheres quanto à patronagem na Antiguidade Tardia. Observa-se, neste artigo do docente de História Bizantina da King's College de Londres, uma preocupação manifesta com o uso da categoria de gênero enquanto conceito dual (que engloba homens e mulheres) no estudo da problemática da patronagem.

Embora muito já tenha sido discutido sobre o comportamento feminino em relação ao outro, Stathakopoulos chama atenção para a permanência de estereótipos construídos no sentido de diferenciar o masculino do feminino – algo que também ocorre em relação ao tema de doações. Há um ímpeto, segundo ele, em considerar que as mulheres não eram tão ativas na caridade apesar de seu status econômico e social, acarretando em visões estereotipadas, como “as mulheres são mais propensas a gastar seu tempo do que seu dinheiro”; ou “quando gastam dinheiro, doam em pequena quantidade”, sendo sua forma de dar “paroquial”. Os homens, pelo contrário, encaravam este ato como uma oportunidade de “fazer seu nome”, através de construções ou programas vinculados a si. Em suma, enquanto as mulheres exerceriam

de forma natural a patronagem para “fazer a diferença” e para “ajudar os outros”, como o supracitado historiador acusa Carol Gilligan de fazer (STATHAKOPOULOS, 2012, p. 384), os homens o fariam como forma de propaganda pessoal. Considera-se aqui que este é o calcanhar de Aquiles nos estudos sobre evergetismo durante a Antiguidade, que parte do pressuposto de que era uma atividade cívica praticada somente por homens (VEYNE, 2014). No intuito de não tangenciar a proposta do presente artigo, não cabe expor no momento argumentos contrários a esta visão clássica: importa afirmar que parte-se pressuposto, devido às pesquisas feitas até o momento, que evergetismo e caridade imbricavam-se na Antiguidade Tardia, resultado de uma prática de longa data de realizar doações à cidade e da necessidade de permanecer na memória local.

Desse modo, é viável considerar esta imbricação como uma das tipologias possíveis de patronagem feminina na Antiguidade Tardia, sendo expressa sobretudo no furor construtor de mosteiros, hospedarias e conventos no Oriente. Nesse sentido, de acordo com Gilvan Ventura da Silva, a cidade pós-clássica seria uma “modalidade particular de organização cívica” que conservava antigos contornos das cidades helenísticas e romanas (SILVA, 2012). Essa hipótese pode ser sustentada através da análise das trajetórias de uma miríade de personagens tardoantigas, dentre as quais estão Melânia, a Jovem, Paula e Eustáquia. Na literatura, são retratadas como mulheres cristãs exemplares não só devido à adoção austera de disciplina ascética, mas também pela preocupação em dispor seu patrimônio em favor da construção de mosteiros em Jerusalém, no primeiro caso, e em Belém, no segundo – algo que aqueles que as retrataram em epístolas, hagiografias e biografias se preocuparam bastante em expor, vindo inclusive a compará-las com homens de seu círculo familiar no intuito de revelar que dissipavam muito melhor seus bens em favor do Cristianismo do que eles. Gerontios, por exemplo, insiste em afirmar que as virtudes de Melânia ultrapassaram a de todos em seu tempo (GER., Vit Mel, 12), ao passo que Jerônimo tece o mesmo tipo de comentário em relação à Paula (JER., Letters, XLV, 4; LIV, 2). Aqui, é importante salientar comparações, manifestas ou latentes, feitas pelos supracitados autores entre

gêneros, no sentido de destacar que algumas virgens, matronas, viúvas e esposas de Cristo eram melhores do que homens na execução de sua disciplina ascética e quanto ao seu furor donativo. Em carta a Pammachius, Jerônimo tece uma longa exortação à prática da caridade e elogia os trabalhos levados adiante pelo Senador após a morte de Paulina, sua esposa, juntamente à Fabíola. Porém, mesmo se destacando entre seus pares, não conseguiu superar o trabalho de Paula – sua sogra – e Eustáquia, apesar da “fraqueza de seu sexo” e de sua proveniência social (JER., Letters, LXVI, 13).

Outra das formas mais emblemáticas de usufruto do patrimônio feminino nos séculos IV e V (que, ao que tudo indica, permanece na longa duração, durante a Idade Média) era a caridade. Ela assumiu formas diferenciadas, dentre as quais a direta (vertical e horizontal) e a indireta (via institucional ou por terceiros), algo que pode ser identificado nos documentos literários do Ocidente e Oriente tardoantigos. Quanto à primeira, os principais receptores eram necessitados – dentre eles, pobres, indigentes, doentes, refugiados, prisioneiros de guerra e trabalhadores em minas (EUS., Vit Const., III, 43.1, 43.3, 43.4; GER., Vit Mel, 9; PAL., Hist Laus, 61). Tomando como base parte da argumentação de Stathakopoulos quanto à caridade praticada no mundo Bizantino medieval, pode-se aqui lançar o conceito de *doações caritativas verticais*, largamente praticadas por mulheres<sup>24</sup>, que visavam principalmente mitigar efeitos de crises e catástrofes (STATHAKOPOULOS, 2012, p. 391). A ênfase proposta da verticalização, como o nome sugere, é explicada pelo fluxo no qual os bens partem (isto é, de membros ricos da alta elite romana) e são direcionados (aos necessitados fora deste círculo, como indigentes e trabalhadores de minas). Discursivamente, elas são justificadas em preceitos bíblicos e ancoradas na ideia de Salvação da alma – em outras palavras, praticando a humildade na Terra, se construiria um reino rico nos Céus.

Dentro desse espectro, é importante salientar que mesmo que a caridade fosse uma exortação a *todos* os membros das comunidades cristãs, não há relatos de que

---

<sup>24</sup> Melânia, a Velha; Melânia, a Jovem; Paula, a Velha e Eustáquia são alguns dos inúmeros exemplos encontrados entre os séculos IV e V.

setores mais baixos da sociedade, ou mesmo membros de ordens superiores não dotados de largo patrimônio, de fato dispusessem seus parques bens a outros indivíduos. Jerônimo lembra que seria mais fácil um camelo passar pela cabeça de uma agulha do que um rico adentrar no reino dos Céus – argumento que utiliza em alguns momentos para sustentar a necessidade de realizar a caridade (JER., Letters, LXXIX, CVII, CVIII)<sup>25</sup>. Por isso, pode-se sustentar uma *verticalização* das doações não-institucionais, isto é, diretas. Em outras palavras, somente os membros convertidos da alta elite romana ou provincial dispunham seu patrimônio em serviço da ajuda econômica ao outro – e, embora a ação fosse praticada por homens e mulheres, há uma grande preocupação em ressaltar algumas virgens consagradas e matronas enquanto benfeitoras da caridade. Paula e Melânia, a Jovem, como dito, são figuras exemplares nesse sentido – sendo constantemente comparadas aos seus pares para que isso seja enfatizado.

A caridade aparece na literatura tardoantiga, ainda, intimamente ligada à morte de parentes próximos. Aliás, não há, aqui, grandes diferenças entre as doações praticadas por homens e mulheres após o falecimento de pais, maridos e filhos: em várias das cartas, Jerônimo aproveita a sensibilidade da perda de um ente querido como forma de exortar o sobrevivente a praticar a caridade ou fundar mosteiros para superar o luto. Assim, recomenda a Pammachius e Juliano a doarem seus bens em favor dos necessitados na mesma medida em que fizera com Paula, a Velha, Blaesilla (outra de suas quatro filhas), dentre outras em situação análoga. Paradoxalmente, no entanto, há poucas informações sobre o que era feito com o patrimônio privado das mulheres depois que faleciam<sup>26</sup>: existe toda uma descrição sobre o velório, como o corpo era preparado e quais eram as reações dos conhecidos quando descobriam que as administradoras dos mosteiros – como Paula, Melânia e Macrina – morriam, mas há um

---

<sup>25</sup> Citação de Mat: 19, 23-24.

<sup>26</sup> Stathakopoulos repara o mesmo em relação aos documentos do período bizantino tardio. Segundo ele, a princípio, os documentos testamentários poderiam ser uma fonte privilegiada sobre a caridade cristã, mas, dos quarenta e nove casos que estudou, apenas oito fornecem informações do tipo – tendo apenas uma mulher entre eles (STATHAKOPOULOS, 2012, p. 393).



silêncio, pelo menos no caso de documentos de cunho hagiográfico<sup>27</sup>, curioso sobre o que era feito com seus bens. Em casos específicos, isso é explicável se considerarmos que o indivíduo de fato conseguiu dilapidar seu patrimônio: Paula, a Velha, fora tão radical em suas doações que nada restara de patrimônio privado – pelo contrário, tudo o que fez foi legar à filha, Eustáquia, suas dívidas (JER, Letters, CVIII, 15); pode-se dizer o mesmo em relação a Melânia, a Jovem – aliás, em certo momento de sua vida, de doadora passou a pedinte, vindo a recorrer a uma doação de duas mil moedas de um homem para levar adiante o empreendimento de construir um mosteiro masculino após o falecimento de seu marido – ao que tudo indica, para homenageá-lo (GER., Vit Mel, 49). Apesar de toda a desconfiança que o historiador deva ter quando lê estes relatos, sempre se questionando sobre até que ponto estas descrições não conteriam fortes traços de hipérbole com o intuito de glorificar mais enfaticamente os biografados, é improvável que certas mulheres não tenham de fato chegado à beira da penúria. Não faria sentido Jerônimo se corresponder com Eustáquia lembrando-a de seu endividamento se não estivesse nesta condição. Um adendo precisa ser feito: as doações precisavam ser regradas, a fim de não gerar rupturas com os membros das famílias – uma vez que o patrimônio não era privado, mas acumulado por gerações precedentes. Quando eram feitas de maneira ostentatória ou de maneira excessiva, rompendo com preceitos senatoriais e cristãos, entram na tipologia da *caridade eversiva*, isto é, subversiva<sup>28</sup>. São os casos de Melânia e Paula (Antigas) e Melânia, a Jovem (JER., Letters, XLV, 4; GER., Vit. Mel., 19, 62).

---

<sup>27</sup> *Vitas* e cartas de eulogia, como a CVIII, a Eustáquia, que relata a trajetória de sua mãe. Quando Jerônimo escreve a Pammachius sobre a morte de Paulina, sua esposa, é no sentido de exortá-lo a dissipar a tristeza através da caridade aos pobres e fundação de conventos para estranhos. Não entra, pois, em detalhes sobre seu patrimônio.

<sup>28</sup> Jerônimo, como diversos autores cristãos da época, possui um discurso ambíguo sobre a extensão das doações. Embora na carta 108 faça uma eulogia à liberalidade de Paula, na 22 critica uma mulher – cujo nome não revela, mas que, pelo contexto, sua destinatária reconhece – que oferece dádivas aos pobres soando (metaforicamente) uma trombeta, algo reprovável segundo as escrituras (Mat, 6: 2-4).

Além disso, poderiam haver também as doações caritativas *diretas e horizontais*, não institucionais, satisfazendo o que Paul Veyne, uma série de antropólogos e sociólogos chamou de dom e contra-dom<sup>29</sup>. Analisando a literatura tardoantiga, elas representam doações intimamente relacionadas a um discurso moralista cristão de humildade e pobreza, mas eram feitas não para indigentes, pobres urbanos, doentes ou quaisquer desconhecidos: eram feitas entre a própria elite a fim de mitigar alguma crise ou ajudar uma pessoa. Nessas situações, é comum que laços de amizade, reciprocidade e confiança fossem formados ou fortalecidos através da doação. É o caso do encontro de Melânia, a Jovem com Serena, sogra do imperador ocidental Honório (CLARK, 1984, p. 86; GER., Vit Mel, 10-12; PAL., HL, 61, 4, 5). Se considerarmos as intrigas políticas envolvendo Estilício, seu marido, o desgaste das relações no interior da Corte e o clima de hostilidade em Constantinopla para com os povos ditos bárbaros – e, além disso, certa popularidade que Melânia já tinha adquirido à época –, tudo indica que uma rede bastante complexa de poder estava em jogo entre ambas e Honório. Na ocasião, é através de um decreto dele que boa parte dos imóveis da santa pôde ser vendido, mas isso não foi feito apenas por sua boa vontade: há uma descrição bastante rica na *Vita Melaniae Iunioris* que mostra a doação de riquezas a Serena e a eunucos, oferecidos em troca de apoio político. Devido às supracitadas hostilidades, é provável que uma quantidade extra de riquezas (materializadas nas doações de joias, prata e tecido) (GER., Vit Mel, 11) suprisse, naquele momento, certas necessidades urgentes de negociação na Corte. Outro exemplo digno de nota é a ajuda financeira que Olímpia oferece a Crisóstomo devido a seu exílio. São casos, assim, que demonstram que a caridade poderia ser feita a um necessitado não necessariamente paupérrimo ou desprovido de status – pelo contrário.

Situações do tipo existiam, de fato, porém nem sempre eram bem vistas. Há certa complexidade nas exortações. A epístola CXVIII de Jerônimo se mostra valiosa,

---

<sup>29</sup> VEYNE, 2014; MAUSS, 2003.

nesse sentido: nela, o remetente lembra ao aristocrata da Dalmácia Juliano que, segundo o Evangelho, “se quiseres ser perfeito... venda tudo o que tiveres e dê aos pobres” – excerto bíblico, aliás, recorrentemente citado em outras cartas de Jerônimo e documentos do período (JER., Letters, CVIII, 4; CXVIII, 4; Ger., Vit Mel, 9, 62). O problema, como sugere pouco depois, é que parecia haver à época certa resistência em dissipar o patrimônio em favor dos pobres, e uma resistência maior ainda em fazê-lo *integralmente*. Ele complementa: “O Senhor diz: ‘e venda’, não parte da vossa substância, mas ‘tudo o que tiveres, e dê aos pobres’; não aos amigos ou familiares ou parentes, não a vossa esposa ou vossos filhos”. “Iria até mais longe e diria: não guarde nada para você devido ao medo de um dia ser pobre”. Jerônimo chega à beira da chantagem, afirmando que as recém-falecidas filhas e esposa de Juliano desejavam essa postura de liberalidade por parte dele. Estas passagens demonstram, assim, duas informações primordiais sobre a riqueza no século IV: em primeiro lugar, que as práticas donativas nem sempre condiziam com o furor das exortações. Havia, no fundo e apesar de todo o discurso de Salvação da alma, algo que identifico como um medo de ser pobre (algo que a hagiografia de Melânia sustenta); em segundo, que a ideia era que o patrimônio dissipado se espalhasse para além do círculo restrito familiar. Logo, não adiantava muito um aristocrata vender, doar ou legar seus bens a parentes e amigos<sup>30</sup>.

---

<sup>30</sup> Não cabe aqui discorrer sobre outros níveis de complexidade nessas situações, mas é importante deixar registrado o seguinte questionamento: afinal, quem compunha os incontáveis mosteiros espalhados pelo Oriente? Não havia, neles, um número substancial de indivíduos provenientes de famílias aristocráticas? Então, na prática, apesar dos votos de pobreza, mesmo que indiretamente, eles continuavam sendo sustentados pela mesma riqueza de seu círculo social e econômico. Obviamente, a vivência de um monge ou irmã de um convento diferia enormemente em relação ao seu passado nas cidades, onde bebiam vinho, consumiam carne, prociavam e vestiam roupas de seda: as cartas de Jerônimo revelam bem o rigoroso regime alimentar, de estudo e ascético que passavam a ter quando adentravam na vida monástica. Porém, volto a insistir que nenhuma *domus*, mosteiro, convento, hospedaria, igreja ou comunidade sobreviveria sem ajuda financeira – que vinha, grosso modo, das doações caritativas institucionais. Na prática, a meu ver, a riqueza aristocrática, de certa forma e de maneira não generalizável, continuava circulando entre aristocratas. Mesmo que, como já largamente debatido, os necessitados fora deste círculo estivessem tendo mais acesso a bens materiais (pelo menos é o que os documentos sustentam; também não sabemos até que ponto isso corresponde à realidade).

Havia, ainda, a caridade indireta, como as institucionais, feitas sobretudo a monastérios. Propõe-se aqui que seja um discurso ainda pouco difundido no século IV d.C., quando as doações aos necessitados eram bem mais exortadas, porém algo já bastante praticado. Até porque, logicamente, os monastérios não poderiam funcionar sem nenhum tipo de rendimento, sendo provável que ele viesse dos patronos ou patronas que os erigiam e, posteriormente, da própria comunidade cristã. Na *Vida de Melânia, a Jovem*, hagiografia datada de meados do século V d.C., é possível encontrar uma pequena passagem em que Agostinho de Hipona recomenda a Melânia e Piniano – marido e mulher então em peregrinação a fim de dilapidar seu patrimônio – que doem uma quantia diretamente a monastérios (*give each monastery an income*, segundo a tradução de Elizabeth Clark) (GER., Vit Mel, 21-22; JER., Letters, CXVIII). Da mesma forma, o já referido Juliano fez o mesmo, doando somas a igrejas, construindo monastérios na Dalmácia e ajudando financeiramente homens santos (JER., Letters, CXVIII, 5). Além disso, é possível sustentar, através da literatura tardoantiga, que foi precisamente este tipo de doações que, a longo prazo, fortaleceu a igreja enquanto instituição ao longo dos séculos.

Por fim, a hagiografia de Melânia, a Jovem, permite identificar ainda as doações indiretas praticadas por terceiros: uma vez que o discurso de humildade era recorrentemente exortado, os documentos mostram que era indelicado um rico aristocrata (ou uma rica aristocrata) doar massivamente seus bens por suas próprias mãos, uma vez que o ato se revela como ostentação da parte do doador e não seria condizente com a moral de humildade cristã. De acordo com o Novo Testamento, “tu... ao dares a esmola, ignores a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; para que tua esmola fique em secreto, e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará”<sup>31</sup>, dizem os apóstolos (Matheus, Lucas) e relembram os monges tardoantigos recorrentemente. Por isso, os a dissipação dos bens podia ser feita com o auxílio de terceiros, a fim de que

---

<sup>31</sup> Mat: 6, 2-4.

esconder a fonte da doação e ressaltar o ideal de humildade. Para o caso específico de Melânia, a Jovem, isso precisava ser feito, de fato, porque era uma das mais ricas aristocratas de seu tempo, e suas intenções não eram pequenas: dentre todas as santas estudadas do período, parece ter sido (pelo menos discursivamente), a mais radical. Nesse sentido, desejava não apenas dissipar seu patrimônio, mas dilapidá-lo, a fim de construir um rico reino celeste. Para tanto, precisava de uma ajuda extra, visto a quantidade de bens móveis e imóveis que possuía.

### Considerações finais

Portanto, o presente artigo permite concluir que existe uma enorme complexidade na forma como as mulheres podiam administrar seu patrimônio para fins diversos. Dentre as formas detectadas até o momento, podem-se citar as doações *diretas verticais, diretas horizontais, indiretas institucionais e indiretas com fins de demonstrar humildade*; além disso, podem-se constatar também as de caráter evergético-caritativo – que se encaixariam nas *indiretas institucionais* – e a caridade eversiva, quando é feita de forma desequilibrada e rompe com as boas relações familiares. Esta tipologia pode ser construída a partir das seguintes perguntas: o que se doava, a quem, em quais circunstâncias e por quê? É nesse sentido que a metodologia das Histórias Cruzadas auxilia a responder tais questionamentos, uma vez que a literatura dos séculos IV e V d.C. permite a identificação de uma rede de relações no Mediterrâneo.

Conclui-se, ainda, que as motivações das doações eram bastante diversificadas, mas, de maneira geral, estavam ligadas à moral cristã. As mulheres estudadas até o momento – com ênfase em Paula, a Velha, Eustáquia e Melânia, a Jovem – passaram a dissipar seu patrimônio em razão de perdas familiares (como Paula), influenciadas por outros agentes ou por vontade pessoal (como Melânia, que parece ter seguido o *modus vivendi* de sua avó paterna, Melânia, a Velha), podendo encontrar ou não resistência de

terceiros. No entanto, para além desses aspectos, é de suma importância considerar, tal como Elizabeth Clark propõe em artigos como “The lady vanishes: dilemmas of a feminist historian after the ‘linguistic turn’”, que não é possível ter acesso à voz ou agência dessas mulheres: há um filtro discursivo masculino nos documentos aos quais hoje se tem acesso, onde representam e refletem os anseios daqueles que as retrataram na documentação da época estudada. Não à toa, cada autor procura evidenciar suas biografadas como os maiores exemplos de conduta e rigor cristão. Por isso, analisar o discurso desses documentos é uma tarefa tão essencial quanto as doações em si. Dessa maneira, pode-se sustentar que o historiador tem acesso às *personae* da literatura tardoantiga. Nesse sentido, o paradigma indiciário, de Carlo Ginzburg, é uma ferramenta que instrui o pesquisador a olhar para além do que a camada exógena das palavras revela, e é através disso que está sendo possível inferir que talvez a caridade não fosse assim tão benquista entre os (as) ricos(as) aristocratas cristãos(ãs). Vê-se, portanto, que *discursos* em favor da caridade deviam ser mais enfáticos do que as *ações* em si, e também a recorrência da construção de *personae* femininas para encorpar a exortação em favor da caridade.

A categoria de gênero é uma ferramenta útil, então, para estudar caridade e patronagem? Claramente, sim. A pesquisa, embora esteja mais centrada em analisar casos de patronagem feminina, também é atenta a como homens se comportavam em relação ao assunto, e ainda não foi possível identificar grandes diferenças quanto aos conselhos dados a eles quanto à caridade. No entanto, os documentos revelam uma importância substancial dada às ricas cristãs para a dissipação patrimonial, sendo em muitos casos protagonistas de hagiografias e biografias da época estudada, ultrapassando todos os outros – inclusive homens – no que tange ao exercício da caridade e incorporação de outros *habitus* cristãos. Nesse sentido, Paula e Eustáquia são exortadas não apenas nos documentos nos quais são destinatárias, mas a outros indivíduos com os quais Jerônimo se corresponde, como na carta LXVI, a Pammachius.

## Referências Bibliográficas:

### Documentação Textual

EUSEBIUS. Life of Constantine. Book III. Translation, introduction and commentary by Averil Cameron and Stuart G. Hall. In: *Claredon ancient history series*. Oxford: Claredon Press, 1999.

GERONTIOS. *The life of Melania, the Younger*. Translation, introduction and commentary by Elizabeth Clark. Nova York e Toronto: The Edwin Mellen Press, 1984.

JEROME. Letters and select works. In: *A select library of Nicene and post-Nicene fathers of the christian church*, vol. 6. Trad. de W. H. Fremantle. New York: The Christian Literature Company, 1893.

PALLADIUS. *The Lausiaca History*, vol. 2. Translation, introduction and notes by Dom Cuthbert Butler. Cambridge: Cambridge University Press, 1904.

### Bibliografia

CARVALHO, Maria Margarida de. *Nomen christianum: práticas cristãs em Melânia, a Jovem*. In: CARVALHO, Maria Margarida de. *et all (orgs). Religiões e religiosidades na Antiguidade Tardia*. Curitiba: Prismas, 2017.

CLARK, Elizabeth. Introduction and commentaries on the text. In: *The life of Melania, the Younger*. Nova York: The Edwin Mellen Press, 1984.

CLARK, Elizabeth. *Woman, gender and studies of Christian History*. In: *Church History*, v. 70, nº. 3, September 2001, p. 395-426.

FREISENBRUCH, Annelise. *As primeiras-damas de Roma: as mulheres por trás dos Césares*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GIARDINA, Andrea. La carità eversiva: le donazioni di Melania la Giovane e gli equilibri della società tardoromana. *Studi Storici*, ano 29, nº1, jan/mar 1988, p.127-142.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *Antiguidade Tardia*. In: *História Antiga*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

JONES, A. H. M. Senators and honorati. In: *The later roman empire: 284-602*. Vol. 2. Oxford: Basil Blackwell, 1964.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naif, 2003.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. *A Antiguidade Tardia*. São Paulo: Ática, 1990.

SILVA, Gilvan Ventura da; SILVA, Érica Christyane Morais da. A participação feminina no levante das estátuas, em Antioquia (387 d.C.). *Revista Hélade*, vol. 4, nº. 1, 2018, p. 88-103.

SILVA, Gilvan Ventura da. Evergetismo e a vida urbana em Antioquia: considerações à luz da epigrafia (séculos IV-V d.C.). In: BORGES, Airan dos Santos; GOMES, Raquel de Morais Soutelo (orgs). *Escrito para a eternidade: a epigrafia e os estudos da Antiguidade*. Curitiba: Appris, 2012.

STATHAKOPOULOS, Dionysios. I seek not my own: is there a female mode of charity and patronage? In: THEIS, Lioba; MULLETT, Margaret; GRUNBART, Michael *et all* (orgs). *Female founders in Byzantium and beyond*. Viena: Böhlau, 2014.

VEYNE, Paul. *Pão e Circo*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

VEYNE, Paul. *Quando nosso mundo se tornou cristão (312-394)*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2010.

WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Pensar a história cruzada: entre teoria e reflexividade. In: *Textos de História*, vol. 11, n. 1 /2, 2003.